

50 ANOS DA CRISE DOS MÍSSEIS: HORROR NUCLEAR EM TEMPOS PRESENTES

CHARLES SIDARTA MACHADO DOMINGOS*

RESUMO

Este artigo aborda a Crise dos Mísseis de outubro de 1962. Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo todo ficara muito impressionado com as explosões atômicas no Japão. A estabilidade política da Guerra Fria sofreu ameaças de mudanças com a Revolução Cubana. O presidente John Kennedy e o primeiro-ministro Nikita Krushchev quase iniciaram a guerra nuclear. Passados 50 anos do episódio, que lições aprendemos?

PALAVRAS-CHAVE: História Contemporânea. Guerra Fria. Crise dos Mísseis.

ABSTRACT

This article discusses the Missile Crisis of October 1962. After the Second World War the world was greatly impressed by the atomic explosions in Japan. The political stability of the Cold War was threatened from changes in the Cuban Revolution. The president John Kennedy and the premier Nikita Khrushchev nearly started a nuclear war. After 50 years of the episode, what have we learnt?

KEYWORD: Contemporary History. Cold War. Missile Crisis.

A BOMBA ATÔMICA: 65 anos atrás

*O ofício do historiador é lembrar o que os outros esquecem.*¹

Em agosto de 1945, a Segunda Guerra Mundial já estava decidida. As tropas dos Aliados já tinham dominado Berlim. Hitler, o mais cruel homem que a História já viu, suicidara-se em 30 de abril, ante a iminência da invasão da capital alemã pelas tropas do

* Doutorando em História na UFRGS, sob orientação da Prof. Dra. Carla Brandalise. Professor de História no IFSUL/Charqueadas. csmd@terra.com.br

¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 13.

Exército Vermelho Soviético. Uma semana após sua morte, a Alemanha Nazista assinava sua rendição nas duas frentes de batalha: Reims, na França, em 07 de maio, e em Berlim, libertada pelos soviéticos no dia 08 de maio. Não havia mais razão para a guerra continuar, pois o último pilar de sustentação do Eixo estava também debilitado: o Japão sabia que seu futuro era certo e inglório.

Seis de agosto de 1945: Hiroshima. O avião estadunidense Enola Gay arremessa um objeto cilíndrico, com 3 metros de comprimento e 70 centímetros de diâmetro, pesando 4 toneladas. Seu nome era Little Boy e mudaria para sempre a História da Humanidade.

Nove de agosto de 1945: Nagasaki. Do ventre de outro avião estadunidense saía Fat Man, com 3 metros e meio de comprimento e 1 metro e meio de diâmetro, pesando 4 toneladas e meia.² O horror era generalizado! A vida humana se dissolvia com o vento que vinha da América do Norte.

Mais da metade da cidade de Hiroshima foi destruída. A morte chegou aos seus habitantes como uma luz alaranjada e uma rajada de vento.³ Era a visão mais próxima do fim do mundo que até hoje se teve notícia. Mas não foi o fim do mundo para todos que estavam lá, em Hiroshima. Houve sobreviventes, embora eles tenham perdido muito da própria vida: são os *hibakushas*, os filhos da bomba.

Para os filhos da bomba, o que se viu não foi o cogumelo de fumaça que o restante da Humanidade tomou conhecimento logo depois da tragédia. Para os *hibakushas* o que se viu foi o clarão. Não foi a escuridão – tão associada com o medo e o desconhecido – mas sim a luz que irradiou destruição; quase como numa inversão do nosso imaginário a respeito da morte. Perto de 50% das pessoas que estavam num raio de 2 Km do epicentro da explosão foram mortas: “o calor e o fogo foram a primeira causa da destruição, provocando ferimentos e mortes. A segunda foi o impacto da explosão”.⁴ O número de feridos foi elevadíssimo. Também houve consequências como queimaduras, câncer, alterações genéticas nas gerações sucessivas, queimaduras de retina, discriminação social.

Merece relatar que a exposição direta ao gigantesco deslocamento de ar poderia, até mesmo, deslocar os membros das pessoas. São

² RIBEIRO, Jayme. Os “filhos da Bomba”: memória e história entre os relatos de sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki e a ‘Campanha pela Proibição das Bombas Atômicas’ no Brasil (1950). In: *Outros Tempos*, Vol. 6, nº 7, 2009, p. 148 <http://www.outrostempos.uema.br/>. Acesso em 21 de maio de 2012.

³ Idem, p. 150.

⁴ Idem, p. 154.

*numerosos os depoimentos em que aparecem pessoas sem algum pedaço do corpo, ou cujos olhos estavam saltados, ou ainda cujas vísceras estavam expostas. Alguns hibakushas relataram o que presenciaram: “vi uma menina de uns quatro anos com a barriga e os intestinos pendurados para fora; vi uma jovem mãe carregando uma jovem nas costas, e essa criança estava sem cabeça”.*⁵

Durante todo o resto do século XX, aquelas pessoas que sobreviveram às bombas atômicas estiveram incompletas: faltavam-lhes membros, paz, e parte da alma. Sobravam-lhes doenças, limitações, medos.

O equilíbrio trágico entre o que faltava e o que sobrava era a memória. Hoje, a memória virou História. E sobre a História deve-se conhecer para refletir; refletir para aprender.

A GUERRA FRIA

Muitas são as polêmicas quanto ao início da Guerra Fria.⁶ Ponto pacífico, no entanto, é que emergiram da Segunda Guerra Mundial apenas duas potências, que foram se tornando tão fortes que passaram a ser consideradas superpotências: os Estados Unidos da América do Norte (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No entanto, embora vitoriosos, não saíram da Segunda Guerra Mundial com a mesma grandeza: ao passo que os EUA tiveram perdas humanas no conflito na ordem de 300 mil pessoas, a URSS foi devastada: 27 milhões de soviéticos foram mortos na II Guerra Mundial.⁷ Em termos de tecnologia, a URSS também saiu derrotada: os EUA já contavam com a Bomba Atômica desde julho de 1945. Somente em 1949, a URSS conseguiu fabricar sua primeira Bomba Atômica – com um gigantesco esforço patrocinado por Stalin. Houve uma grande surpresa para os EUA, pois esperavam que a URSS só contasse com a Bomba Atômica por volta de 1951-1953. Todavia, em 1949, os estadunidenses já contavam com cerca de 200 bombas atômicas. A inferioridade soviética era uma realidade!

⁵ Idem, *Ibidem*.

⁶ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. A primeira vez é inesquecível: *Barbarella* e os sonhos de uma geração. In: PADRÓS, Enrique; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 68: História e Cinema. Porto Alegre: EST, 2008, p. 203-204.

⁷ GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 8.

Mas era uma realidade do imediato pós-guerra. Ao longo da década de 1950, a URSS foi se reestruturando econômica e demograficamente.⁸ O atraso tecnológico em relação aos EUA também vinha sendo superado; basta lembrar que a distância da produção da primeira Bomba de Hidrogênio dos EUA para a URSS foi de pouco mais de um ano (EUA: 1/11/1952; URSS: 12/08/1953).⁹ Diferentemente da Bomba Atômica, obtida com um misto de esforço tecnológico e espionagem, a Bomba de Hidrogênio soviética foi um produto genuinamente comunista. A URSS também tomava a dianteira na “corrida espacial”: o primeiro míssil balístico intermediário (agosto de 1957); o primeiro satélite artificial a entrar em órbita – Sputnik (outubro de 1957); “a cadela Laika, o primeiro ser vivo a andar no cosmos”¹⁰ (novembro de 1957, a bordo do Sputnik 2), também foi obra dos soviéticos. Naquela época, já era possível enviar uma Bomba Atômica da URSS direto para os EUA em cerca de 30 minutos.¹¹

Os EUA, por sua vez, ainda detinham ampla maioria de ogivas nucleares nos anos 1950. Na Europa, contavam com bases militares na Turquia, Itália e Inglaterra: todas contando com Bombas Atômicas e “mirando” a URSS. Desde 1956, os EUA tinham autonomia de vôo por sobre o território soviético, com os aviões U-2. Levou alguns anos para que os soviéticos pudessem ter alguma forma de resposta à “intromissão” dos EUA em seu território aéreo: até 1960, os estadunidenses passearam tranquilamente pelos céus de Moscou.¹²

As duas superpotências são filhas de revoluções que mudaram – e melhoraram – a vida de seus povos.¹³ A dos EUA se deu ainda na “Era das Revoluções”, em 1776; já a revolução socialista na URSS ocorreu na “Era dos Extremos”, em 1917. Uma revolução parecia pouco, duas talvez fosse bom para a História: dava certo equilíbrio de poder nas relações internacionais. O que a

⁸ DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. *O Brasil e a URSS na Guerra Fria: a Política Externa Independente* na imprensa gaúcha. Porto Alegre: Letra & Vida, 2010, p. 34.

⁹ DELMAS, Claude. *Armamentos Nucleares e Guerra Fria*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p.10.

¹⁰ GUAZZELLI, DOMINGOS, op.cit., p. 208.

¹¹ GADDIS, op. cit., p. 65.

¹² Em 1º de maio de 1960, os soviéticos abateram o avião U-2 pilotado pelo estadunidense Francis Gary Power. GADDIS, op.cit., p.70.

¹³ Para o conceito de Revolução ver DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. A História me Absolverá: as barbas da Revolução nas barbas do Império. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen. *A Prova dos 9: a História Contemporânea no Cinema*. Porto Alegre: EST, 2009, p. 100-103.

História demonstrou é que três revoluções foi demais para o mundo da Guerra Fria.

A REVOLUÇÃO CUBANA

A ilha de Cuba foi colonizada pelos europeus (espanhóis) que chegaram lá em 1511. Como todos os outros países da América – inclusive os EUA – sofreu grande exploração econômica por parte dos conquistadores, em conformidade com o quadro do “pacto colonial” proveniente dos tempos do Antigo Regime.

Em fins do século XIX, os cubanos travaram duas guerras de Independência – a primeira duraria 10 anos (1868-1878); a segunda, 3 anos (1895-1898) – tendo quase 400 mil mortos em combate.¹⁴ (É interessante perceber que morreram mais cubanos lutando pela Independência de seu país do que estadunidenses pela liberdade do mundo na II Guerra Mundial). Em 15 de fevereiro de 1898, quando as forças cubanas estavam prestes a expulsar os espanhóis, houve a explosão do navio estadunidense *Maine*, que estava ancorado no porto de Havana. Em razão disso, os Estados Unidos da América declaram guerra à Espanha e intervieram em território cubano.¹⁵

Nessa época, os Estados Unidos começavam a emergir como a principal força imperialista na América Latina – suplantando a Inglaterra. Cuba se constituía como seu principal laboratório. Os EUA mantiveram o controle político e econômico sobre o país, tendo intervindo militarmente de forma direta após a decretação da *Emenda Platt* entre 1906 e 1909, em 1912, e de 1917 a 1923.¹⁶ Mesmo com a revogação da *Emenda Platt* em 1934 – em sintonia com a Política de Boa Vizinhança de Franklin Delano Roosevelt – os governos cubanos não passavam de marionetes orquestrados pelos embaixadores estadunidenses no país. Tudo isso acabou incendiando o nacionalismo cubano, propalado por José Martí nos fins do século XIX, e dando-lhe forte conteúdo anti-imperialista, o que equivale a dizer, antiestadunidense – e que foi atualizado por Fidel Castro e seus companheiros na década de 1950.

Após mais de dois anos de luta contra o Exército de Fulgêncio Batista, os “barbudos” se aproximavam da vitória. No último dia do ano de 1958, Fulgêncio Batista, na iminência da derrota para os

¹⁴ DOMINGOS; GUAZZELLI, op. cit., p. 103-104.

¹⁵ O pretexto foi a explosão do navio *Maine*, creditada aos espanhóis. Apenas em 1913 ficou provado que o *Maine* explodiu por defeito próprio.

¹⁶ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 133.

guerrilheiros e já sem o apoio dos EUA, fugiu para São Domingos deixando a presidência de Cuba. O Ano-Novo talvez nunca tenha sido tão representativo do desejo de mudanças como foi aquele 01 de janeiro de 1959. A população saiu às ruas e saudou os guerrilheiros. Fidel Castro realizou seu primeiro discurso como líder da Revolução em Santiago de Cuba, no dia 2 de janeiro. E tomou o rumo de Havana, a capital. Nesse caminho, desfilou em jipes, sendo aclamado pelo povo.

De acordo com o calendário da Revolução, 1961 é o ano da Educação. Naquele ano, os estudantes tiveram licença das escolas e foram aos vilarejos mais longínquos, dentro da campanha de alfabetização que a Revolução organizara. Cuba, até então, tinha elevado índice de analfabetismo: 40% de sua população não sabia ler nem escrever. Com os esforços protagonizados pelos 100 mil estudantes-professores, ao final de 1961, o índice de analfabetismo em Cuba era de 3,9%, o mais baixo de toda a América Latina. Bases militares, como o anexo de *Camp Colúmbia* em Marianao, subúrbio de Havana, foram transformadas em escolas. Foram construídas mais de 3 mil escolas no período de 1959 a 1961. Richard Gott afirma que, “como prometera Castro, a Revolução aboliu o analfabetismo em um ano. A campanha foi um de seus maiores triunfos”.¹⁷

Porém, a dimensão de importância desse dado fica um pouco obscurecida em razão dos acontecimentos que ocorreram naquele ano, e seus desdobramentos ocorridos em 1962. Em abril de 1961, no dia 13, houve um incêndio provocado por contra-revolucionários na loja El Encanto, no centro de Havana. Uma trabalhadora foi morta e houve diversos feridos. No dia 15, aviões bombardearam o aeroporto de Santiago de Cuba e mais dois campos de pouso na capital: morreram 7 pessoas e houve 53 feridos. O objetivo era avariar a Força Aérea Cubana, pois no dia 17 mais de 1500 homens, treinados pela CIA na Guatemala, invadiram Praia Girón, na Baía dos Porcos.¹⁸ A resistência se deu pelas milícias formadas por Che Guevara e comandadas por Fidel Castro – Che, naquele momento, estava em Havana, para preservar a segurança da capital. As forças cubanas foram vitoriosas e foi nessa conjuntura que Fidel Castro declarou o caráter socialista da Revolução, em 16 de abril, quando, já informado dos planos da CIA, acusava os EUA da responsabilidade dos atentados no país.

¹⁷ GOTT, op.cit., p.217.

¹⁸ DOMINGOS; GUAZZELLI, op.cit., p.120.

KENNEDY E KRUSHEV

Em setembro de 1959, o primeiro-ministro da URSS, Nikita Krushev, aceitou o convite do presidente Dwight Eisenhower para uma visita diplomática aos Estados Unidos. Krushev chegou aos EUA decidido a evidenciar as conquistas da URSS no campo do desenvolvimento, da ciência e da tecnologia: prova disso é que “insistiu em viajar para Washington em um avião novo e ainda não testado, para que suas dimensões intimidassem seus anfitriões”.¹⁹ Embora não houvesse sido acertado nenhum acordo entre os EUA e a URSS, a viagem de Krushev serviu para mostrar aos EUA que “a União Soviética tinha um novo tipo de chefe, muito diferente de Stalin. Restava esperar para ver se isso o tornava mais ou menos perigoso”.²⁰

As eleições presidenciais nos EUA aconteceram em 1960. O candidato democrata era John Fitzgerald Kennedy, que fazia oposição ao governo do republicano Dwight Eisenhower. Kennedy acusava, nos debates televisionados, Eisenhower pela inferioridade de mísseis dos EUA em relação à URSS – embora soubesse que essa inferioridade não existia realmente.²¹ A retórica da Guerra Fria, certamente, angariou alguns votos para o candidato democrata e católico.

O ano de 1961 foi o primeiro ano do governo Kennedy. Foi um ano de muitos reveses para os estadunidenses na Guerra Fria: Yuri Gagarin, cosmonauta soviético, foi o primeiro homem a entrar em órbita e voltar à Terra.²² A invasão à Baía dos Porcos foi um fracasso, atingindo o presidente John Kennedy que em “18 de novembro de 1960 [...] recém-eleito presidente dos EUA, foi oficialmente informado por Allen Dulles e Richard Bissel de que a CIA treinava forças paramilitares na Guatemala com o propósito de promover um ataque anfíbio contra Cuba; e, em linhas gerais, do plano para assassinar Fidel Castro”.²³ Além disso, houve a construção do Muro de Berlim, em 13 de agosto.²⁴

¹⁹ GADDIS, op. cit., p. 68.

²⁰ Idem, p. 69.

²¹ GADDIS, op. cit., p. 71.

²² DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; KOCH, Adolar. Não estica que arrebenta: uma análise das tensões político-econômico-sociais no governo João Goulart (1961-1964) a partir do documentário *Jango*. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PADRÓS, Enrique. *Conflitos Periféricos no Século XX: Cinema e História*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007, p. 155.

²³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 255. Interpolações nossas.

²⁴ DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. Política Externa Independente e Guerra Fria: intrincadas relações de um golpe militar no Brasil. In: WASSERMAN, Claudia;

Para piorar, Krushev anunciava em alto e bom som que faria testes nucleares com a potência de 100 megatons (o que equivalia a 7 vezes a potência do maior teste nuclear realizado até então).²⁵

Após essa sequência de desafios impostos pelos soviéticos, Kennedy precisou dar uma resposta, através de um porta-voz do governo, demonstrando publicamente que os EUA estavam em igualdade com a URSS na corrida armamentista: “Temos capacidade de lançar um segundo ataque pelo menos tão amplo quanto o primeiro dos soviéticos. Portanto, estamos confiantes em que eles não provocarão um gigantesco conflito nuclear”.²⁶ Tudo levava a crer que a ameaça seria suficiente para estabilizar a possibilidade de um conflito entre as superpotências; mas não o foi! Se dois era bom (EUA e URSS), três era demais (EUA, URSS, Cuba).

50 ANOS ATRÁS: os mísseis de outubro

Aviões U-2 sobrevoavam Cuba, como de costume, em 14 de outubro de 1962. Porém, dessa vez, as fotografias tiradas pelos pilotos trouxeram um elemento inesperado: foram descobertas diversas bases de mísseis nucleares sendo construídas em Cuba, “segundo a CIA, os mísseis tinham alcance de 1600 Km e tinham capacidade de atingir grande parte da orla marítima oriental do país [EUA]. Uma vez armados e prontos para disparo, poderiam explodir sobre Washington em 13 minutos (...)”.²⁷

Essa informação foi passada ao presidente dos Estados Unidos no dia 16 de outubro – data que passou a ser conhecida como o “primeiro dia da Crise dos Mísseis”. O presidente convocou seus principais assessores para uma reunião de emergência: a questão que se coloca é “o que fazer?”. As opções acabam se restringindo a duas alternativas: invadir Cuba ou realizar um bloqueio marítimo, denominado de “quarentena”. A decisão só foi tomada no dia 22, uma segunda-feira: evitariam a invasão e utilizariam a “quarentena”.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Ditaduras Militares na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2004, p. 207.

²⁵ O teste atômico de maior potência até então tinha sido realizado pelos estadunidenses no Oceano Pacífico em 01 de março de 1954. BRAVO, como ficou conhecido, tinha 750 vezes mais potência que a Bomba Atômica de Hiroshima. Como dito anteriormente, 100 megatons equivalia a 7 vezes a potência de BRAVO, ou seja, 5250 Bombas Atômicas. O mundo estaria perto do fim! (O teste foi realizado em 1961, porém com 50 megatons – o que ainda era um excesso de riscos).

²⁶ GADDIS, op. cit., p. 72.

²⁷ DOBBS, Michael. *Um minuto para a meia-noite*. Kennedy, Krushev e Castro à beira da guerra nuclear. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p.18. Interpolações nossas.

Às 19 horas, o presidente John Kennedy realizou um pronunciamento na televisão para “mais de 100 milhões de americanos (...), a maior audiência para um pronunciamento presidencial até então”.²⁸ O discurso foi realizado em 17 minutos e estava estruturado em 7 pontos principais, em que se destacava o ponto 3, no qual o presidente ampliava a Doutrina Monroe para os tempos da Guerra Fria: “3. A política desta nação será considerar qualquer lançamento de projétil nuclear de Cuba contra qualquer nação do hemisfério Ocidental como um ataque da URSS contra os EUA, o que requer uma adequada resposta de represália contra a URSS”.²⁹ A Organização dos Estados Americanos (OEA) aceitou o argumento de expansão da Doutrina Monroe e apoiou a medida de quarentena por unanimidade. Debates na ONU foram realizados entre os representantes dos EUA (Stevenson) e da URSS (Zorin). Stevenson sagrou-se vencedor.

Em 26 de outubro, o primeiro-ministro da URSS enviou uma carta ao presidente dos EUA propondo a retirada do armamento nuclear de Cuba em troca do compromisso estadunidense de não mais tentar invadir a ilha. Os americanos respiraram aliviados! Porém, poucas horas após, mas já no dia 27, chega uma segunda carta de Krushchev:

*Nós aceitamos retirar de Cuba aqueles materiais que você qualificou de ofensivos, e podemos comprometer-nos a isso no seio das Nações Unidas. Em reciprocidade, seus representantes farão uma declaração no sentido de que os EUA, considerando as dificuldades e a ansiedade do Estado soviético, retirarão da Turquia materiais ofensivos similares.*³⁰

O que fazer frente à nova situação? A guerra nuclear estava a um passo de ter início. Os assessores de Kennedy o aconselharam a tentar negociar. Ele mandou uma carta para Krushchev nos seguintes termos:

Nós, por nossa parte, estamos dispostos – mediante o estabelecimento dos adequados acordos realizados através das Nações Unidas para assegurar a continuidade e por em marcha desses compromissos – ao seguinte: a) Levantar imediatamente as medidas de quarentena em vigor; b) Dar segurança contra a invasão

²⁸ Idem, p. 68. Interpolações nossas.

²⁹ CASTAÑARES, Juan Carlos Pereira; LILLO, Pedro Antonio Martínez. *Documentos básicos sobre história de las relaciones internacionales (1815-1991)*. Madrid: Complutense, 1995, p. 547.

³⁰ CASTAÑARES; LILLO, op. cit., p. 549.

de Cuba. Confio em que as outras nações do hemisfério Ocidental estão dispostas a atuar do mesmo modo.

O efeito de tal acordo sobre a tensão mundial nos permitirá continuar trabalhando acerca de um acordo geral referente a “outros armamentos” como você propõe em sua segunda carta que foi feito pública.³¹

A Crise dos Mísseis, a fase mais quente da Guerra Fria, foi solucionada. Só por isso sabemos que ela existiu...

CONCLUSÃO

Em 1963, poucos meses após a Crise dos Mísseis, foi assinado por vários países do mundo, entre os quais EUA e URSS o Pacto de Paz Atômica.³² Esse acordo, embora não proibisse a produção das bombas, limitava os testes nucleares na atmosfera. Seguiram-se novos acordos, como o de 1968 e o de 1972. Todos eles, e alguns outros, ainda dentro da lógica da Guerra Fria – que se mantinha viva e potente.

Porém, o mundo esteve sempre rondado por um fantasma de destruição nuclear após aquele outono, no hemisfério Norte, de 1962. Resta saber por que o mundo quase entrou em um inverno permanente naquele momento? Quais foram os motivos da instalação dos mísseis em Cuba?

O primeiro deles foi a necessidade da defesa de Cuba e de sua revolução socialista.³³ Os cubanos revolucionários remetiam Nikita Krushev às lembranças de seus heróis, como Lênin e seus companheiros de 1917. Além disso, a ideia do internacionalismo era um velho sonho dos marxistas autênticos – e, em algum momento de sua vida, Krushev foi um autêntico marxista. Um camponês que foi alfabetizado pela Revolução de 1917 e que conseguiu chegar ao mais alto grau do poder em seu país: esse era Nikita Krushev.

O segundo motivo foi restabelecer o equilíbrio estratégico do poder.³⁴ Se a URSS estava em relativa igualdade com os EUA na Guerra Fria, não poderia ser ameaçada pelos mísseis instalados na Turquia, Itália e Inglaterra e não ter uma ameaça de igual calibre. Era preciso ser tão ameaçador quanto o seu inimigo.

³¹ Idem, p. 551.

³² DOMINGOS, op.cit., 2004, p. 211.

³³ DOBBS, op. cit., p. 51; ZORGBIBE, Charles. *Historia de las relaciones internacionales*, 2: Del sistema de Yalta a nuestros días. Madri: Alianza Editorial, 1997, p. 310.

³⁴ ZORGBIBE, op. cit., p. 311.

No dia 17 de maio de 2010, o presidente Luís Inácio Lula da Silva (Brasil) e o primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan (Turquia) conseguiram realizar um acordo limitando o enriquecimento de urânio pelo Irã, do presidente Mahmoud Ahmadinejad. Parecia a solução para o problema do retorno do fantasma nuclear. Contudo, no dia seguinte, os Estados Unidos da América, juntamente com os demais membros do Conselho de Segurança Permanente da ONU (Rússia, Inglaterra, China, França) decidiram que a Declaração de Teerã não tinha valor e que o Irã deveria receber sanções pelo seu projeto nuclear.

Em última instância, o que se percebe é que, mesmo em uma situação subalterna aos EUA, os demais países do Conselho de Segurança não aceitam perder a influência sobre o poder político no mundo. Eles se uniram à única superpotência do mundo para impedir um novo rearranjo da ordem internacional no início do século XXI. Preferiram a força ao diálogo, esquecendo que “há um milhão de razões para a gente ter argumentos para construir a paz e não há nenhuma razão para a gente construir a guerra”.³⁵

Praticamente um ano depois, a Organização das Nações Unidas (ONU) afirmou em relatório: “suspeitamos que objetos relacionados a mísseis balísticos proibidos foram transferidos entre Coreia do Norte e Irã em voos regulares da Air Koryo e da Iran Air”.³⁶ Não há provas dessa “suspeita”, como não houve provas da “suspeita” de que o Iraque mantivesse armas químicas em seu território – motivo utilizado para justificar a invasão do país. Fica no ar, pela própria experiência histórica recente, que grandes são as chances de nova invasão e desrespeito à soberania nacional daqueles que contestam o poder do vencedor da Guerra Fria.

Passaram 50 anos da Crise dos Mísseis e parece que muitos não aprenderam nada com a História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTAÑARES, Juan Carlos Pereira; LILLO, Pedro Antonio Martínez. *Documentos básicos sobre historia de las relaciones internacionales (1815-1991)*. Madrid: Complutense, 1995.

³⁵ SILVA, Luís Inácio Lula da. Disponível em www.netmadeira.com/noticias/mundo/2010/5/17/lula-diz-que-acordo-com-irao-e-vitoria-da-diplomacia. Acesso em 21 de maio de 2010.

³⁶ ONU: Coreia do Norte e Irã compartilham tecnologia de mísseis. Portal Terra. In: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5130877-EI294,00-ONU+Coreia+do+Norte+e+Ira+compartilham+tecnologia+de+mísseis.html>. Acesso em 15 de maio de 2011.

DELMAS, Claude. *Armamentos Nucleares e Guerra Fria*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DOBBS, Michael. *Um minuto para a meia-noite*. Kennedy, Kruschew e Castro à beira da guerra nuclear. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. Política Externa Independente e Guerra Fria: intrincadas relações de um golpe militar no Brasil. In: WASSERMAN, Claudia; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Ditaduras Militares na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2004, p.205-215.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; KOCH, Adolar. Não estica que arrebeta: uma análise das tensões político-econômico-sociais no governo João Goulart (1961-1964) a partir do documentário *Jango*. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PADROS, Enrique. *Conflitos Periféricos no Século XX: Cinema e História*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007, p.147-172.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. A História me Absolverá: as barbas da Revolução nas barbas do Império. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen. *A Prova dos 9: a História Contemporânea no Cinema*. Porto Alegre: EST, 2009, p.99-124.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. *O Brasil e a URSS na Guerra Fria: a Política Externa Independente na imprensa gaúcha*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2010.

GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. A primeira vez é inesquecível: *Barbarella* e os sonhos de uma geração. In: PADRÓS, Enrique; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *68: História e Cinema*. Porto Alegre: EST, 2008, p.199-215.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ONU: Coreia do Norte e Irã compartilham tecnologia de mísseis. Portal Terra. In: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5130877-EI294,00-ONU+Coreia+do+Norte+e+Ira+compartilham+tecnologia+de+misseis.html> Acesso em 15 de maio de 2011.

RIBEIRO, Jayme. Os “filhos da Bomba”: memória e história entre os relatos de sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki e a ‘Campanha pela Proibição das Bombas Atômicas’ no Brasil (1950). In: *Outros Tempos*, Vol. 6, nº 7, p.148. Disponível em <http://www.outrostempos.uema.br/>. Acesso em 21 de maio de 2010.

SILVA, Luís Inácio Lula da. *Lula diz que acordo com Irã é vitória da diplomacia*. Disponível em www.netmadeira.com/noticias/mundo/2010/5/17/lula-diz-que-acordo-com-irao-e-vitoria-da-diplomacia. Acesso em 21 de maio de 2010.

ZORGBIBE, Charles. *Historia de las relaciones internacionales, 2: Del sistema de Yalta a nuestros dias*. Madri: Alianza Editorial, 1997.